

DENÚNCIAS DE AGRESSÃO CONTRA MULHERES CRESCEM 13% EM BH

Para especialistas, índice reflete tanto uma elevação dos crimes quanto a maior propensão das vítimas de procurar a polícia, mas a subnotificação ainda é grande

FERNANDA TUBAMOTO

"Eu não consegui fazer a denúncia sozinho. Precisei que outra pessoa chamasse a polícia para mim, porque tinha medo da reação do meu agressor", conta Aparecida Maria da Silva, de 54 anos, vítima de violência contra a mulher em 2021. Hoje, o caso está encerrado e o agressor saiu da casa de Aparecida, mas esta não é a realidade de um crescente contingente de mulheres residentes em Belo Horizonte. De acordo com dados divulgados pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (Sejusp-MG), o número de registros de violência doméstica e familiar em Belo Horizonte chegou a 17.234 entre janeiro e novembro de 2023. Houve aumento de 13% em relação a igual período de 2022, quando o total foi de 15.233, e de 9,5% na comparação com os 11 primeiros meses de 2021 (15.789). E mesmo sem os dados de dezembro, as denúncias já ultrapassam as registradas em 2021 (17.186) e 2022 (16.721) inteiros.

Esse crescimento significa que as mulheres sofreram mais violência em 2023 ou estão denunciando mais? Segundo a advogada especialista em direito da mulher e de família e sucessões Vanessa Paiva, as duas alternativas estão corretas. "Historicamente, a violência contra a mulher sempre foi uma questão naturalizada. Mas isso tem mudado e, recentemente, vemos cada vez mais mulheres que sofrem com essas violências registrando, divulgando isso nas mídias e levantando a bandeira contra o silêncio. Isso tem um certo efeito dominó", explica ela. "É muito vergonhoso quando você passa por uma situação dessas (de violência). O clima de uma delegacia, mesmo que seja uma especializada em defesa da mulher, é muito hostil. Por isso, muitas mulheres têm vergonha de denunciar, mas quando veem outras virem à público, sentem-se motivadas e fazem o mesmo", complementa.

O caso de Aparecida é emblemático. Ela conheceu seu agressor quando trabalhava em um estabelecimento comercial na região onde mora e, dos sete anos que passaram juntos, cinco foram permeados pela violên-



VÍTIMA REGISTRA DENÚNCIA DE VIOLÊNCIA: REDES DE APOIO SÃO ESSENCIAIS PARA ROMPER HISTÓRICO DE SILENCIO

cia, não apenas contra ela, mas também contra sua família. "Tinha medo de denunciar porque ele era agressivo, me ameaçava e se soubesse que eu estava pensando nisso poderia fazer coisa pior. E ele já fazia coisas horríveis comigo e com meu filho. Ameaçava a gente, jogava álcool no chão e dizia que botaria fogo no sofá, gritava na rua na frente dos outros, me ameaçava onde eu trabalhava, entrava nos lugares e as pessoas ficavam com medo dele", conta Aparecida. Ela nunca chegou a pedir medida protetiva contra o agressor — mas sua irmã sim. "Ele chegou a ameaçar minha mãe e minha irmã, e já tinha sido agressivo com outras mulheres em outros relacionamentos", afirma.

Aparecida só conseguiu denunciar a violência sofrida com a ajuda de Cláudia Mara, presidente do 14º Conselho Comunitário de Segurança Pública (Consepp), que mora no

mesmo condomínio que a vítima. "Ela (Cláudia) foi vendo o que eu passava e me incentivava a denunciar. Foi ela que pediu para a polícia vir fazer a visita e acompanhou todo o processo. Quando finalmente falei com a polícia aqui em casa, foi numa sala separada para ele (agressor) não saber que o que eu estava fazendo", conta Aparecida.

Diante do que vivenciou, ela recomenda às vítimas de violência: "Procuram ajuda com segurança, porque é importante não ativar a ira do agressor. Eu não pude bater de frente com ele, tive que fazer (a denúncia) na calada. Mas é sempre importante não aceitar a agressão e a violência, porque isso não é certo. As mulheres precisam ser respeitadas."

"Procuram ajuda com segurança, porque é importante não ativar a ira do agressor. (...) Mas é sempre importante não aceitar a agressão e a violência. As mulheres precisam ser respeitadas"

APARECIDA MARIA DA SILVA
Ex-vítima de violência doméstica

DESAFIOS NO COMBATE

De acordo com a advogada, a ineficiência processual também é um desafio no combate à violência doméstica. "Houve muitos casos de violência doméstica que não foram julgados. Isso é um problema sério. Eu acho que a falta de recursos humanos e materiais é um dos maiores desafios. Muitas vezes, os processos são arquivados por falta de provas ou por falta de recursos. Isso é muito triste, porque a vítima precisa de justiça e de um processo rápido. Muitas vezes, o processo pode levar anos, o que é muito difícil para a vítima. Além disso, a falta de recursos também afeta a qualidade do julgamento. Muitas vezes, os juízes não têm acesso a todas as provas e documentos necessários para a condenação do agressor. Isso também é um grande desafio para o combate à violência doméstica."

CAMPAÑAS DE BH

Em Belo Horizonte, há uma série de campanhas de conscientização voltadas para a mulher. Uma delas é a campanha "Não aceite a violência doméstica", que busca informar as mulheres sobre os tipos de violência e como denunciá-las. Outra campanha é a "Não aceite a violência doméstica", que também busca informar as mulheres sobre os tipos de violência e como denunciá-las. Além disso, há a campanha "Não aceite a violência doméstica", que também busca informar as mulheres sobre os tipos de violência e como denunciá-las. Essas campanhas são essenciais para educar a população e promover a prevenção da violência doméstica.



COMO DENUNCIAR

Melhores caminhos para 60 delegacias especializadas em violência doméstica e familiar, distribuídas em todos os municípios do estado. Segundo a Polícia Civil de Minas Gerais (PC-MG), essas delegacias recebem cerca de 100 denúncias por dia. No entanto, a maioria das denúncias é feita por telefone ou por meio de aplicativos. Isso pode ser um desafio para as vítimas que não têm acesso a esses recursos. Além disso, a falta de recursos humanos e materiais também é um desafio para as delegacias. Muitas vezes, as delegacias não têm acesso a todas as provas e documentos necessários para a condenação do agressor. Isso também é um grande desafio para o combate à violência doméstica.

"Recentemente, vemos cada vez mais mulheres que sofrem com essas violências, divulgando isso nas mídias e levantando a bandeira contra o silêncio. Isso tem um certo efeito dominó"

Vanessa Paiva
Advogada especialista em direito da mulher e de família e sucessões

SUB-REGISTRO E LACUNAS

O Conselho Comunitário de Segurança Pública do município de Belo Horizonte também é uma rede de apoio para as vítimas de violência doméstica. Ele oferece suporte emocional e jurídico às vítimas e também atua na prevenção da violência doméstica. Além disso, o Conselho também atua na promoção da segurança pública e na prevenção da violência doméstica. Isso é muito importante para as vítimas de violência doméstica, pois elas precisam de um suporte emocional e jurídico para superar a violência e se recuperar.

DELEGACIA ESPECIALIZADA EM ATENDIMENTO À MULHER EM BELO HORIZONTE

de que poder público que presta o atendimento às vítimas de violência doméstica. Segundo a Polícia Civil de Minas Gerais (PC-MG), essa delegacia recebe cerca de 100 denúncias por dia. No entanto, a maioria das denúncias é feita por telefone ou por meio de aplicativos. Isso pode ser um desafio para as vítimas que não têm acesso a esses recursos. Além disso, a falta de recursos humanos e materiais também é um desafio para a delegacia. Muitas vezes, a delegacia não tem acesso a todas as provas e documentos necessários para a condenação do agressor. Isso também é um grande desafio para o combate à violência doméstica.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 22 e 23